



## REDUÇÃO DOS REMANESCENTES DE ADANSONIA DIGITATA (IMBONDEIRO, EMBONDEIRO OU BAOBÁ) NO PERÍMETRO DE LUANDA

Cleovamir José Bonifácio\*

Jairo Afonso Henkes \*\*

### RESUMO

A *Adansônia digitata* é popularmente conhecida como imbondeiro, embondeiro ou baobá, este último mais comum no Brasil. O Imbondeiro possui um tronco muito espesso na base, chegando a atingir nove metros de diâmetro. O seu tronco é peculiar: vai se estreitando em forma de cone e evidenciando grandes protuberâncias. Esse colosso vegetal pode atingir trinta metros de altura e possui a capacidade de armazenar, em seu caule gigante, até 120.000 litros de água. Por tal razão é denominada "árvore garrafa" (VAINSENCHE,2010). Nos últimos cinco anos tem-se observado um significativo e acelerado processo de derrubada de árvores de imbondeiros no entorno de Luanda, principalmente em função do crescimento urbano e parques industriais. Através de entrevistas e pesquisas, buscamos identificar a importância desta árvore na cultura e costumes deste povo, as causas que vem levando sua eliminação e a convivência das instituições, assistindo a substituição dos bosques de imbondeiros pelo cinza e prateado da alvenaria e casas de chapas, e pelo vermelho dos pátios terraplanados. Evidencia-se um processo de degradação ambiental com a supressão de áreas verdes, além do vínculo milenar do Imbondeiro com os povos tradicionais de Angola, chamando a atenção das instituições locais, além de propor alternativas para a preservação e programas de sustentabilidade desta árvore e suas raízes que fundamentam boa parte da base cultural deste povo.

**Palavras-chave:** *Adansonia digitata*; Imbondeiro; Província de Luanda; Supressão de vegetação; Culturas tradicionais.

- 
- Acadêmico do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental – Unisul Virtual. E-mail: cleovamir@hotmail.com
  - \*\* Professor do Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental e do Programa de Pós Graduação em Gestão Ambiental da Unisul. Mestre em Agroecossistemas. Especialista em Administração Rural. Engenheiro Agrônomo. E-mail: jairo.henkes@unisul.br

## 1 INTRODUÇÃO

Em Luanda durante o desenvolvimento da cidade, poucas ou quase nenhuma praça arborizada ou áreas verdes foram reservadas dentro da Capital. Nas áreas periféricas o crescimento desordenado, de construções de casebres, sem aruamento e infra-estrutura, tal como água, energia e principalmente saneamento básico. Os novos parques industriais e comerciais, movidos pelo grande crescimento econômico mantido principalmente pelas riquezas minerais, com a chegada de empresas internacionais e novos empreendimentos nacionais, vem ocasionando um acelerado processo de diminuição de áreas verdes e dos remanescentes de imbondeiros.

Para o estudo de caso destacam-se três áreas específicas, que registradas em 2002 pelas imagens de satélite do Google Earth Pro, limitavam o cinturão urbano de Luanda. A partir deste, as terras eram constituídas basicamente de áreas verdes com predominância de plantações de agricultura de subsistência, com mandioca e árvores frutíferas como mangueiras e cajueiros. Em todas estas áreas, existiam árvores de imbondeiros em vários estágios de desenvolvimentos com caules com um metro de diâmetro em média, tanto espaçados como em vários pontos concentrados, formando bosques. Nas mesmas imagens de satélites atualizadas em junho de 2010, ocorreu um forte avanço urbano sobre estas áreas ocasionando a supressão destas árvores.

A pesquisa de campo evidenciou, dois grandes fatores que vem provocando a forte migração da população das Províncias para a capital, primeiramente a guerra civil de 1975 até 2002 e nos últimos anos a busca de emprego e melhores condições de vida na capital, através da reintegração de familiares que fixaram base na cidade nas últimas décadas.

Evidente também a riqueza cultural deste povo e a interação e importância desta árvore na história, subsistência e modo de vida das diversas etnias que constituem o grande povo angolano. A árvore fornece alimentos através do fruto, folhas e raízes, medicamentos tradicionais, abrigos, água, utensílios rústicos, e base de importantes eventos culturais. Nas Províncias, esta relação cultural apresenta-se mais forte que na região da Capital, onde as pessoas de maior idade ainda apresentam forte relação com os usos e costumes. Enquanto que a juventude abaixo de 30

anos e muito mais nos adolescentes, vem perdendo estes conhecimentos populares ou rejeitando os costumes, pela forte influência da mídia externa. A cada africano (angolano) que morre, desaparece uma biblioteca. (ALTUNA, 2006)

Preocupante o resultado da pesquisa onde grande parcela da população (79%) atribui a responsabilidade apenas ao governo de tomar ações de preservação do imbondeiro e 57% não acreditam que os Imbondeiros podem desaparecer de Luanda.

Propor medidas a serem implementadas pelo governo e seus respectivos ministérios, assim como ações da comunidade e iniciativa privada, buscando investimentos e principalmente criar uma base de conscientização ambiental, não só da preservação da “Árvore da vida”, bem como dos recursos naturais, solo, água e ar.

Não se pretende fechar este tema em si, mas sim abrir processos de discussão na sociedade e fomentar a realização de novos estudos com melhores técnicas científicas com base na viabilização dos recursos da árvore, por ela estar culturalmente ligada aos vários povos que constituem a nação “m’angolé”.

## **2 TEMA**

Durante o período de novembro de 2005 até a data atual, as atividades de Técnico de Segurança do Trabalho, apoiando as equipes de obras de infraestruturas em Luanda, desenvolvidas pela Odebrecht Angola Ltda (empresa brasileira do ramo de construção civil), no pacote de Obras de Projeto de Reconstrução Nacional, após o término da guerra civil em Angola que durou de 1976 à 2002. Com um período de paz de maio de 1991 até 1992, retornando a guerra após o resultado das eleições presidenciais, não aceito pela UNITA, segundo LORES (2006).

Em 1974, com a independência e a formação de um Governo de coligação nacional composto pelo Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), inicia a fase política da independência em Angola, mas em 1976, o fracasso desta coligação governamental conduziu a um longo período de Guerra Civil entre o governo liderado pelo MPLA e a UNITA. A Guerra Civil durou quinze anos, até que no dia 31 de Maio de 1991, o Governo de Angola e a UNITA assinaram os Acordos de Bicesse pondo termo à Guerra Civil (ACNUR, 1997).

Neste período as estradas, redes de água, energia, escolas, indústrias e parques agrícolas, foram destruídos ou deterioraram-se.

Em deslocamentos pelos diferentes Bairros e Municípios da região de Luanda, em função de obras de construção de redes de distribuição de água potável, estações de bombeamento, entre outras, se pode observar esta região e verificar o estado atual da população remanescente do Baobá. Estes deslocamentos na maioria das vezes em estradas de terra batida ou picadas de areia, usando veículo com tração em média percorrendo 115 quilômetros por dia.

Observando a forma de vida, de falarem nos dialetos, vestimentas, hábitos alimentares, comércio informal forte com predominância das mulheres denominadas de zungueiras, que vendiam desde artigos para o lar, roupas, mas principalmente todos os gêneros alimentares como enlatados, bebidas, frutas, carnes e peixes. Carregavam os produtos em bacias enormes na cabeça e ao mesmo tempo o filho neném encilhado nas costas. Os prédios, casarões e ruas ordenadas no centro da capital e sedes dos municípios na época anterior a independência, construíam com os “kubícos”, casas de alvenaria de bloco de cimento de apenas um cômodo com cobertura de chapa de zinco, variando de 15 a 20 m<sup>2</sup> onde em média vivem sete pessoas, sem qualquer planejamento ou infraestrutura, formam os musseques (favelas). Na zona rural as choupanas (casas de pau a pique) ou cabanas de Jango com área menor de 9 a 15 m<sup>2</sup>, assim é comum estas famílias cozirem seus alimentos na rua em fogões improvisados de barro ou pedras. Utilizando pedras de carvão, ramos secos ou capim. Estranhamos a quase inexistência de lenha ou madeiras na construção civil. Nas áreas do entorno de Luanda não existe remanescentes de vegetação nativa, ou florestas com árvores lenhosas, apenas alguns remanescentes na área da Barra do Kuanza, atualmente é composto de vegetações rasteiras, gramíneas, intercaladas com áreas de plantios de mandioca e plantas frutíferas como cajueiros e mangueiras, estas plantadas de forma espaçadas e aleatórias. Neste contraste assim como Michel Andanson (1721 a 1806), nos surpreendeu a abundância, as dimensões avantajadas dos caules e o formato dos galhos e ramos aparentando raízes quando perde as folhas na época do cacimbo e dos frutos nas árvores. A planta conhecida popularmente como Imbondeiro em Angola ou Baobá no Brasil – a *Adansônia digitata*. Segundo Vainsencher (2010): Em 1749, o pesquisador francês Michel Adanson, voltando da viagem para São-Louis, no Senegal, elaborou desenhos e descreveu o seguinte, em seus registros:

Chamou-me à atenção uma árvore cujo tamanho era incrível. Era uma árvore que tinha frutos com formatos de abóboras, de nome "pão de macaco" no qual os Wolots diziam "goui" no idioma deles. Provavelmente a árvore mais útil em toda a África... a árvore universal para os nativos.

Fora o grande centro da capital, denominado de cidade baixa, por todos os bairros e dentro dos perímetros urbanos e rurais, encontramos árvores de Imbondeiro em maior ou menor quantidade, algumas com mais de cinco metros de diâmetros. Estranhamos tantas árvores de grande porte comparado à grande e evidente demanda de madeiras, carvão e lenha em Luanda e contrastando com a abundância de árvores enormes de *andansônia digitata*, não servindo para indústria madeireira, nem para construção civil. Segundo VAINSENER (2010):

Datado de 1853, existe um outro registro, no continente africano, sobre a presença do baobá. Sobre a legendária árvore, observando-a na região de Mbour, o padre David Boilat escreveu:

[...] as árvores são surpreendentemente grandes e muito numerosas: Eu medi algumas e o cinturão era de 60 a 90 pés (20 a 30 metros). Não só é esta árvore útil para os nativos, também é essencial, eles não sobreviveriam sem ela. Com suas folhas secadas, eles fazem um pouco de pó que eles chamam de lalo o qual eles misturam o "kouskous". Eles usam as raízes como um purgante; eles bebem chá quente que curam doenças torácicas. A fruta chamada "o pão de macaco" é usada para coalhar leite e também é servida com a comida que eles chamam de "lack" ou "sangle" [...]. Esta árvore às vezes é escavada para formar casas [...]



Figura 01 - Imbondeiros no vale do Rio Kuanza – Kapiápia e Imbondeiro na área urbana, no Bairro Golfe II

Fotos do Autor.



Através de observações, constatou-se a importância da fruta chamada múcua, que é vendida nos mercados locais, sendo utilizada para fazer sumos, gelados e “muamba” (um mingau semelhante ao angú no Brasil). Além da medicina tradicional com remédios originados de diversas partes da árvore como raiz, cascas, folhas e farinha da “mucua”. As cascas também são usadas como inseticidas para mosquitos. O respeito e importância cultural também são evidentes nas esculturas e pinturas que representam os vários estilos tribais, sendo mais ou menos utilizados os recursos da planta conforme a região, povos e hábitos culturais, pois com a grande migração de pessoas fugindo dos conflitos da guerra civil e aglomerando-se em grupos étnicos, principalmente nas periferias onde originaram-se os “musseques” (favelas). Em Angola existem mais 17 línguas reconhecidas oficialmente, além do português que é a língua oficial, somados a mais de 30 dialetos, as pessoas mais velhas “cotas”, comunicam-se principalmente em sua língua mãe. As rádios e TVs públicas inclusive, apresentam programações exclusivas nas principais línguas nativas objetivando manter a cultura local.

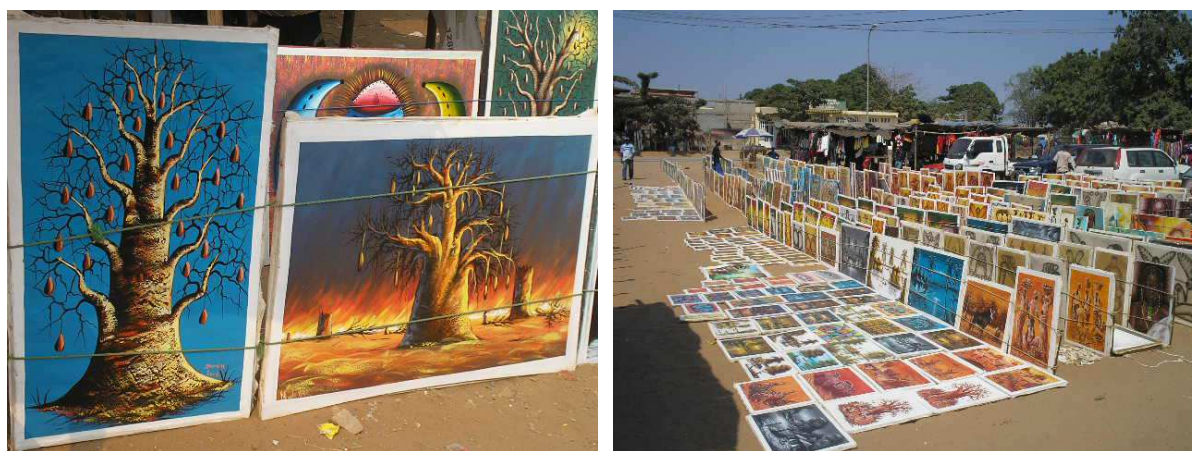


Figura 02 - Pinturas do Imbondeiro- Mercado Artesanato Benfica  
Fotos do Autor



Figura 03 -Esculturas em madeira do Imbondeiro – Mercado do Artesanato de Benfica  
R. gest. sust. ambient., Florianópolis, v. 1, n.1, p. 156-182, abr./set. 2012.

Com o processo de estabilização aliado ao processo de paz, gerou um forte crescimento econômico e industrial em Angola, a partir de 2002, transformando-a num “Eldorado Africano”. Com uma grande entrada de empresas estrangeiras principalmente nos ramos da Construção Civil, de Mineração e Petróleo, oportunizando uma abundância de empregos e uma concentração da riqueza na região de Luanda. Com isso, novamente ocorreu uma grande migração da população das províncias para Capital, atrás de salários e melhores condições de vida, trazidos pelos parentes que já haviam se estabelecidos. Somados a este crescimento ocorreu um “boom” imobiliário, com forte valorização dos terrenos e habitações e as pessoas começaram a invadir e construir de forma desorganizada, onde o próprio governo classificou de construções anárquicas. A partir de 2006, e principalmente em 2007, ocorreu um forte avanço de construções sobre a periferia e áreas rurais adjacentes, com um terreno com área de 100 m<sup>2</sup> sendo negociados no comércio informal no valor de dois até vinte mil dólares. Uma casa ou “kubico” na ordem de 15 a 50 mil dólares, verificando-se que qualquer pedaço de terra era valorizado e com isto a área de um imbondeiro passou a ser desejada pois daria tranquilamente para se levantar um “kubico” no local. Com isso vem ocorrendo uma forte redução na presença de árvores nos perímetros de maior pressão urbana, e diante da passividade da população, governo e órgãos de fiscalização e caso ações ou medidas preservacionistas não venham a ser implementadas num curto espaço de tempo, a população de Luanda terá outros motivos para se deslocar ao Parque Nacional de Quissama, além de visitar os exemplares de animais africanos, também poderá visitar os Imbondeiros com todo o seu esplendor e num futuro bem próximo, possivelmente extintos na região da Capital Luanda.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Este estudo de caso tem por objetivo mostrar a redução do número de exemplares de *Adansonia digitata*, na Capital Luanda e identificar a importância para população e causas que levam a esta supressão de vegetação.

### 3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Evidenciar a significativa redução de exemplares de *Adansonia digitata* nos últimos quatro anos em três áreas de estudo: Benfica, Sapú e Kifangondo;
- ✓ Avaliar a importância do Imbondeiro para a população e as predominâncias culturais nas áreas de estudo;
- ✓ Identificar as causas de “aceitação” da população da supressão desta espécie;
- ✓ Propor medidas a serem implantadas para preservação desta árvore.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 4.1 CAMPO DE ESTUDO

O Estudo de Caso é delimitado por três áreas compreendidas como Benfica, Sapú e Kifangondo;

Compreendem pesquisas exploratórias em bibliotecas e trabalhos técnicos anteriores sobre a planta *Adansonia digitata* e a cultura angolana;

Através de entrevistas e pesquisas, identificar costumes e importância da planta na vida e cultura da população.

### 4.2 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Livros e Trabalhos Científicos, disponíveis nas bibliotecas ou na internet, sobre a planta *Adansonia digitata*.

Baseando-se em imagens disponíveis no programa Google-earth, imagens e plantas topográficas, banco de fotografias do autor e da empresa Odebrecht Angola Lda e dos conhecimentos do autor identificaremos as significativas supressões de plantas.

Entrevistas e Pesquisa de campo nas três áreas de estudo.



Os instrumentos de coleta de dados adotados neste trabalho são descritos no quadro a seguir.

<b>Instrumento de coleta de dados</b>	<b>Universo pesquisado</b>	<b>Finalidade do Instrumento</b>
<b>Entrevista</b>	Pessoas residentes nas três áreas de estudo dois tópicos: dirigida com pessoas da terceira idade e por amostragem com questionário	Terceira idade: Pessoas migradas das províncias identificando utilidades, costumes e importância da planta. Amostragem aleatória: identificar importância da planta ou "perda" de hábitos nativos em área urbana.
<b>Observação Direta ou do participantes</b>	Circulação nas áreas de estudo evidenciando as supressões em andamento.	Registrar diminuição e ocupação de terrenos.
<b>Documentos</b>	1- Pesquisa nas bibliotecas da Universidade Oscar Ribas e Universidade Agostinho Neto, sobre existência de estudos ou pesquisas sobre o tema anteriores. 2- Plantas topográficas ou planialtimétricas das áreas de estudo, com identificação de árvores registradas que foram ou possam a ser suprimidas	Buscar possível embasamento científico para o trabalho e se há trabalho registrado na linha do estudo de caso em questão.  Evidenciar diminuição nas áreas de ocorrência e número de plantas importantes nas áreas de estudo.
<b>Dados Arquivados</b>	Pesquisas no domínio da internet aberta (documentos online, <i>home-pages</i> , artigos digitais, etc).	Buscar informações e estudos sobre a utilidade e importância da <i>Adonsônia digitata</i> no território e cultura Angolana.

Quadro 1- Instrumento de coleta de dados.

## **5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA REALIDADE OBSERVADA**

### **5.2 IMAGENS FOTOGRÁFICAS**

Ao se deslocar por Luanda nos vários Municípios, Comunas e Bairros, nestes últimos cinco anos, observou-se um crescimento acelerado das áreas urbanas sobre antigas áreas de “lavras” ou áreas de agricultura familiar. O fortalecimento da economia com grande circulação de dólares no mercado, o aporte de várias empresas multinacionais, abundância de emprego e grande procura imobiliária, ocasionou uma valorização dos terrenos e de imóveis, com esta pressão por casas, vem ocorrendo com frequência as invasões em terrenos antes públicos, de forma desordenada, as freqüentes casas de chapa, espaçadas de forma aleatória sem qualquer arruamento ou planejamento mínimo de alinhamento, muitas vezes derrubando árvores e plantas para abrir o espaço de um casebre ou “kubico”, sendo muitas árvores derrubadas, e entre elas encontram-se diversos imbondeiros.

Poderíamos citar como exemplo os vários condomínios de alto padrão onde hoje as casas com valores de mais de um milhão de dólares ocupam áreas que antes eram cobertas por vários imbondeiros. Nas regiões mais pobres de Luanda podemos ver também locais que foram deixados como praça pública contendo imbondeiros hoje substituídos por pequenos barracos. A fiscalização pública às vezes tem feito a derrubada destes barracos, mas não consegue repor as velhas árvores que foram cortadas.

### **5.2 IMAGENS DE SATÉLITE E PLANTAS TOPOGRÁFICAS**

Em pesquisas realizadas no Google Earth verificou-se que em 2002 haviam áreas verdes, contendo uma enorme quantidade de imbondeiros, porém atualmente, se depara com o avanço significativo e desordenado de construções urbanas, áreas em terraplanagem para indústrias e parques residenciais e industriais

ocasionando o desmatamento desregrado das árvores, não observando qualquer tipo de preocupação com a preservação da espécie. Nos empreendimentos habitacionais planejados desenvolvidos por organismos governamentais, as árvores são preservadas e áreas verdes ou destinadas a paisagismo futuro, repentinamente são ocupadas com construções “clonadas”, aparentemente facilitadas ou não evidenciando ações de contenção destes avanços de edificações “irregulares”.

As imagens demonstradas nas figuras a seguir demonstram o desenrolar da situação ocupacional em diversas regiões de Luanda e a supressão de diversos exemplares de imbondeiros.



Figura 04 - Imagem Panorâmica da área do Benfica em 05/07/2002-

Fonte: Google Earth Pro com edição do autor.





Figura 05 - Imagem Panorâmica da área do Benfica em 25/06/2010  
Fonte: Google Earth Pro com edição do autor.



Figura 06 - Imagem Panorâmica da área do Sapú em 19/06/2003  
Fonte: Google Earth Pro com edição do autor.





Figura 07 - Imagem Panorâmica da área do Sapú em 25/06/2010  
Fonte: Google Earth Pro com edição do autor.



Figura 08 - Área em Zoom no Sapú com destaque a concentração de árvores em 19/06/2003  
Fonte: Google Earth Pro, com edição do autor.





Figura 09: Mesma área em Zoom no Sapú com destaque Habitações Populares Sapú II em 26/07/2010

Fonte: Google Earth Pro com edição do autor.



Figura 10: Área em Zoom no Kifangondo com destaque a concentração de árvores em 16/07/2002

Fonte: Google Earth Pro com edição do autor





Figura 11: Mesma área em Zoom no Kifangondo com destaque a supressão de árvores em 26/07/2010

Fonte: Google Earth Pro

### 5.2.1 – *Adansonia digitata*

O Imbondeiro é uma árvore que chega a alcançar alturas de 5 a 25m (excepcionalmente 30m), e até 7m de diâmetro do tronco (excepcionalmente 11m). Destaca-se pela capacidade de armazenamento de água dentro do tronco, que pode alcançar até 120.000 litros.

Os Imbondeiros ou baobás desenvolvem-se em zonas sazonalmente áridas, e são árvores de folha caduca, caindo suas folhas durante a estação seca. Alguns têm a fama de terem vários milhares de anos, mas como a sua madeira não produz anéis de crescimento, isso é impossível de ser verificado: poucos botânicos dão crédito a essas reivindicações de idade extrema. (WIKIPEDIA, 2010). Comparando-se com a idade de alguns exemplares catalogados no Brasil e se houver similaridade de desenvolvimento das plantas, podemos estimar que as árvores de Luanda tem em média de 100 a mais de 500 anos.

a) Mudas ou árvores pequenas.





Figura 12: Resgate de muda de imbondeiro em estrada de acesso, onde um caminhão havia passado por cima e posterior replantiu em área verde do Canteiro de Obras Odebrecht PRP.  
Fotos do Autor



Figura 13: Imbondeiro replantado em 27/06/2010  
Figura 14: Mesmo Imbondeiro em foto de 15/11/2010, brotado e com folhas

Foto do Autor

Foto do Autor



Figura 15: Sistema Radicular e Caule: Raízae em forma de pinhão central com ramificações grossas e relativamente curtas.

Fotos do Autor





Figura 16: Caules bojudos e fibrosos sem anéis de crescimento e facilmente descamados com galhadas similares às raízes.

Foto do Autor



Figura 17: Imbondeiro sem folha alguma no período de Cacimbo (Estação seca) e com folhagem viçosa em Novembro.

Fotos do Autor



Figura 18: Floração do Imbondeiro, pendunculos em vários estágios, ao abrir uma flor branca em detalhe.

Fotos do Autor



Figura 19: Frutos do Imboeiro: (Mukua ou Múcua)

Fotos do Autor

Os frutos tem um formato similar a uma bola de futebol americano, como se observa na figura 19, cuja casca é semelhante à “cabaças ou porongos” com miolo semelhante ao cacau, mas secas parecem quadrículos de açúcar e ao comer dissolvem-se na boca, consistindo-se de um sabor agridoce. Ao moer forma uma espécie de farinha ou pó, que pode ser dissolvida na água em forma de suco ou misturada em comidas típicas.

### **Supressões de Imbondeiros na área do Benfica**





Figura 20: Derrubada de árvores em terraplanagem  
Foto do Autor



Figura 21: Máquinas fazendo derrubada de árvores no entorno do Córrego Cambambe na Honga.  
Foto do Autor





Figura 22: Tronco de Imbondeiro derrubado  
Foto do Autor

### Supressões de Imbondeiros na área do Sapú II



Figura 23: Imbondeiro com mais de 3 metros de diâmetro e na seqüência tronco em desintegração  
Fotos do Autor



#### Evidências do uso da Planta



Figura 24: Árvore em zona rural com evidencia de aberturas no caule para coleta de água.  
Fotos do Autor



Figura 25: Imbondeiros em zona urbana com evidências de retirada da casca para uso tradicionais.  
Fotos do Autor

## 6 PROPOSTA DE MELHORIA PARA A REALIDADE ESTUDADA

Como podemos perceber estas árvores guardam dentro dos seus caules e troncos, histórias, tradições, costumes que não podem ser apagados com o tempo. Não queremos que nossos netos conheçam estas plantas apenas pelas fotos sem nunca conseguirem entender a força desta planta capaz de atrair para debaixo de si casais e “Sobas”, na busca para soluções de problemas familiares ou mesmo as meninas e jovens receberem o título de adultos, liberados para constituírem família.

Já perdemos muito tempo, muitos imbondeiros já foram ceifados pela ganância do ter, sacrificando o nosso ser, nos tornando pedras frias e sem alma. Buscando reverter este fato propomos:

1. Ao Governo:

Pelas afirmativas das pessoas consultadas neste estudo, cabe ao governo toda a responsabilidade pela situação, porém sabe-se que todos devem fazer sua parte, porém o Governo também pode realizar mais. A seguir apresenta-se sugestões de programas, ações e atividades que podem ser implantadas, tais como:

- i. Aumentar a fiscalização, evitando que novas plantas sejam tombadas;
- ii. Provocar um estudo por parte do Ministério da Agricultura para avaliar o potencial econômico do imbondeiro e a viabilidade do plantio econômico do mesmo;
- iii. Parceria entre o Ministério do Meio Ambiente com o Ministério da Educação para tornar obrigatória a inclusão da Disciplina Educação Ambiental na grade curricular a partir das classes iniciais;
- iv. Criar projetos de lei que visem a preservação e evitem a supressão da espécie;
- v. Priorizar áreas verdes ou praças públicas preservadas com remanescentes da espécie *Adonsônia digitata*, bem como resgate de outras árvores nativas com opções de áreas de interação como passeios para caminhadas, ciclovias e áreas de lazer no entorno dos vários municípios de Luanda
- vi. Criar Reservas Ecológicas/Biológicas como por exemplo: no alto do Kifangondo, e mais na área central por exemplo, transformar as margens do Rio Cambambe, ao longo do Bairro Talatona, em uma Reserva Ecológica/Biológica aproveitando o volume de imbondeiros existentes naquela área, local onde deverá ter lugares apropriados para o resgate cultural e sobre as utilidades da árvore;
- vii. Parceria entre o Ministério do Meio Ambiente com o Ministério da Educação para tornar obrigatória a inclusão da Disciplina

Educação Ambiental na grade curricular a partir das classes iniciais;

- viii. Criar projeto de Parcerias com empresas públicas e privadas nacionais e internacionais que aqui trabalham, para que contribuam para atenuar os problemas ambientais;

## 2. Por parte da população:

Nas entrevistas que foram realizadas ficou claro que todos deixam a responsabilidade de preservar da planta somente para o Governo, e talvez seja por isto que a cada dia tomba mais uma árvore. Deve-se compreender que não depende só do governo, mas da força e participação de cada um. Desta forma é necessário que cada um assuma esta nobre tarefa de impedir que outros imbondeiros tombem, diante da força daqueles que sonham a cada dia em mais ter. Isto pode começar com a criação de grupos de proteção, organizando e realizando denúncias, plantando novas árvores mantendo vivas as histórias na memória das crianças, envolvendo-as nesta cruzada.

## 7 RESULTADOS ESPERADOS

Ao desenvolver este trabalho nos surpreendemos com a escassez de material sobre este tema abordado. Os imbondeiros parecem nunca terem encontrado morada em nossas bibliotecas, os jovens pouco ou nada sabiam sobre esta grande árvore, o seu farto volume não foi suficiente para elevar na nossa juventude um pouco mais de curiosidade e compromisso com a história. Desta forma o primeiro resultado que se pretende com este trabalho é fomentar novas pesquisas sobre esta planta, que torne eterna e viva em nossa mente a sombra dos imbondeiros.

Pretende-se também despertar os órgãos públicos para o tema, antes que tombem as últimas arvores. Contribuindo na fixação das raízes desta planta na história do país, fazendo brotar no peito de cada angolano o orgulho por esta árvore que tanto acolheu os antepassados, inspirando-lhes força, coragem e uma longa vida. Tem-se muito à aprender sobre esta planta, que atravessa os séculos, se considerarmos que atualmente a média de vida de um angolano fica em torno de quarenta e quatro anos. Estas árvores que hoje se derrubam, sem nenhum escrúpulo, nos dão exemplo de vida longa, são séculos nos oferecendo sombra, frutos e remédios, não

só para o homem, mas também, para muitos animais, desde um pequeno pássaro até a um respeitado elefante.

Constatando-se a eficácia do plantio econômico do imbondeiro, ocorrerá a recuperação da espécie e aumentará sua população. Aliado a isso a inclusão da disciplina Educação Ambiental nas escolas, proporcionará uma maior reflexão da população em relação à proteção do meio ambiente, bem como a criação de uma futura Associação dos Amigos do Imbondeiro.

O Ministério do Meio Ambiente deverá criar ações mais concretas, capazes de levar as pessoas que a derrubam a refletir e preocuparem-se com a preservação e manutenção desta importante espécie.

A criação de uma Reserva Ecológica no local será apropriada para a formação de agentes ambientais e para o resgate das tradições que acompanham a existência da árvore gigante de Angola.

Do empresariado, bem como dos formadores de opiniões, assim como da mídia impressa e falada, e instituições de ensino pública-privada espera-se uma maior responsabilidade social para auxiliar na preservação do meio ambiente em toda a região.

## **8 VIABILIDADE DA PROPOSTA**

Acredita-se que todas as propostas podem ser viabilizadas, pois, existem exemplos que deram certo em várias culturas e países. A conscientização e educação se tornam o alicerce de transformação das ações em prol da coletividade. Como exemplo pode-se citar a grande transformação do problema do lixo de Luanda que nestes poucos anos já mudou a cara da cidade, mais bela, mais limpa e mais agradável. Com novas ações governamentais, com a criação do Ministério de Meio Ambiente e novas políticas para esta área, despertam o interesse e o respeito pelo verde e a natureza, com legislações protecionistas e políticas de fiscalização. Com controle eficiente e objetivando o resgate do Imbondeiro, que poderá envolver parcerias com outros ministérios com destaque para Agricultura, Educação e Cultura, também com o Conselho de Ministros, Assembléia Legislativa, o Executivo e a Iniciativa Privada, na busca de ações e viabilização financeira no patrocínio e execução destes projetos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A árvore gigante de Angola que está presente desde as Províncias até a Capital é sem dúvida o Imbondeiro. Com a experiência vivida na época colonial e no período de 30 anos de guerra civil, a população se tornou individualista e se acomodou, aguardando que as decisões sejam tomadas pelos governantes. Justifica-se assim a sua omissão em relação à preservação dos imbondeiros, vez que responsabilizam somente o governo pela preservação da flora e fauna local.

O crescimento desordenado da cidade, provocado pela migração das províncias para a Capital, no começo fugindo da guerra e posteriormente em procura do trabalho e da família, o grande investimento do governo em obras de infraestrutura por todo País, como a recuperação e revitalização das estradas, portos e aeroportos principalmente, e a consolidação do processo de Paz, facilitando a deslocamento no fluxo Província-Capital-Província, fez que esses migrantes retornem às suas bases em busca da esposa ou marido ideal, aumentando assim cada vez mais o número de habitantes residentes em Luanda.

Há urgência em se implantar em Luanda um Planejamento Urbano, e apesar de o Governo desenvolver um Programa arrojado de construções habitacionais populares, faz-se necessário controlar o avanço desordenado e irregular, para evitar a favelização da periferia.

Vale ressaltar que, em algumas áreas muitos conjuntos habitacionais foram construídos preservando as árvores de imbondeiros, porém, após a entrega desses imóveis, os moradores, destroem as árvores e ampliam suas casas, demonstrando uma falta de consciência ambiental.

O Ministério do Meio Ambiente de Angola, é muito recente, foi criado em 2008, e ainda está em fase de estruturação, carecendo de dispositivos legais preservacionistas, além de mecanismos de fiscalização e controle.

Os resultados deste estudo demonstram que os entrevistados reconhecem a importância da árvore, principalmente os mais velhos, pois faz parte da sua cultura, porém, alguns fatores de ordem religiosa, econômica e social, e ainda a mídia externa, vem deteriorando os princípios culturais do povo, especificamente na



capital. Os valores passam a ser outros, sendo visível a despreocupação dos mais novos em relação aos valores tradicionais e passam a impressão de que o alegre e pró-ativo povo angolano vêm extirpando suas raízes culturais, talvez em velocidade maior que a supressão do imbondeiro.

Um registro disso é que as vestimentas masculinas e femininas alteraram-se, pois hoje praticamente já não se vê homens circularem com “bubus” e somente as senhoras mais velhas as “mamans” usam os panos (trajes típicos) com panos enrolados à cintura e na cabeça.



Figura 26: Flagrantes do cotidiano de 2006 num mercado de rua e a naturalidade da jovem com os “panos”. Fotos do Autor.



Figura 27: Eventos na escola, homens com bubus e as mulheres como no encontro de senhoras tipicamente vestidas. Fotos do Autor.

As mais jovens já tem vergonha deste costume, vestindo jeans e encurtando as saias, influenciados principalmente pelas novelas brasileiras, além disso mais dois fatores ficam evidentes, a comida tradicional “funge” com “quissaca” e “galinha rija”, já não é tão solicitada nos refeitórios, inclusive o da empresa, como antes. Nota-se que o respeito aos mais velhos e as autoridades tradicionais está se per-



dendo muito rapidamente, sendo que muitas destas tradições relacionadas aos hábitos alimentares e culturais estão intimamente ligados aos imbondeiros.

Na vida se luta por aquilo que se consegue visualizar em seu verdadeiro valor, para que estas sombras se tornem eternas neste espaço de solo é necessário fazer brotar no peito de cada cidadão o compromisso com a história e com a tradição locais.

## REFERÊNCIAS

ALTUNA, Pe Raul Ruiz de Asúa. **Cultura tradicional Bantu**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

CAVALCANTI, Marcelo José. **Metodologia para estudo de caso**: livro didático / marcelo José Cavalcanti, Enzo de Oliveira Moreira; design instrucional Carmen Maria Cipriani pandini, [ assistente acadêmico Nágile Cristina Hinckel]. – 5. Ed. Ver. – Palhoça: UnisulVirtual, 2010. 169 p.

LORES, Manuel Frometa. **Guerra civil em Angola (1976-1991). Efeitos e considerações**: Centro Universitario de Guantánamo –Cuba – Monografias.com. Disponível em:

□ <http://br.monografias.com/trabalhos/guerra-civil-angola/guerra-civil-angola3.shtml>> Acesso em 03 Set. 2010.

VAINSENER, Semira Adler. *Baobá*. **Pesquisa Escolar On-Line**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 11 Set. 2010.

Wikipédia- **Baobá**. Disponível em:

□ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Baob%C3%A1>> Acesso em 15 de Novembro de 2010.